

LIÇÕES DO LIVRO DE JÓ

O livro de Jó é considerado um poema universal que trata da dor e do sofrimento humano, bem como da angústia perante a realidade da morte, interligada com o papel de Deus em toda a complexidade deste drama. Assim se explica, não só a sua profunda actualidade, mas também o facto de ser um dos livros mais lidos pelos crentes, quando estão doentes e precisam de encontrar respostas para as suas dúvidas existenciais. Por um lado, a mensagem deste livro mostra a insuficiência do pensamento humano para compreender o sofrimento, mas por outro lado, apresenta uma alternativa ao desespero, que é a fé e esperança em Deus. Como disse Pascal, no **coração humano há um vazio com a forma de Deus**, isto é, há um vazio que só Deus pode preencher.

1. A figura central do livro, Jó, tem quatro qualidades essenciais (1:1)
 - Era sincero
 - Era recto
 - Era temente a Deus e
 - Desviava-se do mal

2. Satanás é apresentado com as seguintes características:
 - Satanás anda misturado com os filhos de Deus (1:6)
 - Satanás anda muito activo (1:7)
 - Satanás observa os crentes (1:8)
 - Satanás tem uma velha profissão: Acusar e lançar a dúvida (1:9-11)

3. Quando Jó recebeu as notícias sobre a dimensão da tragédia, que se tinha abatido sobre a sua família e bens não se revoltou, nem questionou Deus. Simplesmente, adorou (1:20). Jó passou no primeiro teste.

4. Jó perdeu os filhos, os milhares de animais que possuía, os bens materiais que constituíam a sua riqueza, a saúde e ...perdeu também a apoio da mulher (2:9). Eis algumas teorias explicativas da reacção da mulher de Jó:
 - Ela não era feita da mesma fibra do marido. A sua fé estava nas coisas.
 - Conhecendo o marido como conhecia, achava que Deus tinha sido injusto para com ele. A sua desilusão era imensa.
 - Quando as pessoas estão em estado de choque, podem dizer coisas que nunca diriam numa situação normal.
 - Ao ver o marido naquele sofrimento, talvez preferisse que Deus o levasse do que deixá-lo sofrer assim. No seu amor pelo marido, preferia perde-lo, do que tê-lo em tão grande sofrimento.
 - Precisamos de tentar colocar-nos no seu lugar para a compreender.

5. Ao rejeitar a sugestão da mulher, Jó reafirma a sua fidelidade ao Senhor e passa no segundo teste (2:10).
6. Os três amigos de Jó vieram com dois propósitos: Para **condoer-se** dele e **consolá-lo (2:11)**. Condoer, significa **doer com** o outro, isto é, sentir empatia.
7. Os amigos de Jó não vinham preparados para o choque de ver o amigo transformado num farrapo humano, por isso “...**não o conhecendo, levantaram a voz e choraram...**” (2:12)
8. Os amigos de Jó depressa reconheceram a sua incapacidade para o consolar e por isso durante 7 dias e 7 noites permaneceram em silêncio, “...**porque a dor era muito grande**” (2:13). Esta foi uma atitude louvável, distinta daqueles que têm sempre respostas para tudo e que dominam bem a arte de espiritualizar. O silêncio significa respeito pela dor. Uma dor que não era apenas física, mas sobretudo uma dor interior: a dor da alma.
9. Ao amaldiçoar o seu nascimento e ao lamentar a sua miséria (3:1 e seguintes), Jó fala do que sente, sem a preocupação de filtrar os sentimentos, nem de dizer apenas o que era teológica ou socialmente conveniente. Este é o momento da sua *catarse*, que de acordo com a psicanálise, consiste na exteriorização verbal, dramática e emocional da dor. Aqui vemos o homem Jó na plenitude da sua humanidade e da sua humilhação.
10. Jó parece ficar perplexo e confuso acerca de Deus, pela primeira vez na sua vida. Ele sabe que Deus existe, mas não entende o que está a acontecer. Deus é um mistério, porque está envolto em neblina.
11. Os amigos de Jó quebram o silêncio (Capítulos 4 e 5) a que se tinham votado e iniciam uma série de discursos baseados na teologia tradicional da época, cuja tese principal era a seguinte: **Só os ímpios sofrem. Se Jó está a sofrer é porque pecou. Assim sendo, precisa de se arrepender e confessar o seu pecado. Se o fizer Deus será com ele.** A defesa acalorada que os amigos fazem desta tese leva Jó, não só a rejeitá-la, como a contabilizar mais uma perda: A perda dos seus amigos, com os quais entra em rota de colisão a partir desta altura.
12. Enquanto David no Salmo 8 pergunta como é que um Ser tão grande (Deus), pode notar um ser tão pequeno (o homem), Jó pergunta: Como é que um ser tão pequeno se pode relacionar com um Ser tão grande? (7:17) Esta parece ser também a nossa grande questão.

13. Jó clama por um árbitro: um mediador com autoridade entre Deus e o homem. (9:33) Jesus é esse árbitro que compreende as duas partes em conflito: Deus e o homem. (I Tim. 2:5)
14. Jó expressa frontalmente a sua irritação e desilusão em relação aos amigos: **“Vós, porém, sois inventores de mentiras e todos vós, médicos que não valem nada. Tomara que vos calásseis de todo, que isso seria a vossa sabedoria”** (13:4-5). **“Todos vós sois consoladores molestos”** (16:1). O fundamentalismo teológico, aliado à falta de empatia e à tentativa de racionalizar, só pode resultar em ineficácia no aconselhamento. Bom seria que tivessem permanecido em silêncio, respeitando a dor que **era muito grande** (2:13).
15. Jó atinge o limite mais elevado da sua fé e da sua confiança em Deus ao afirmar: **“Ainda que ele me mate nele confiarei”** (13:15). Que é como quem diz: mesmo depois de morto, continuarei a confiar. A fé de Jó é elevada até ao limite da eternidade. Lembra-nos os três jovens que, ao serem ameaçados de morte caso não adorassem a estátua de ouro, responderam que Deus os livraria, mas mesmo que não livrasse, a sua decisão era inalterável. (Daniel 3:16-18). Que exemplo! A fé não pode ser negociada.
16. Jó coloca a si mesmo uma das questões mais pertinentes e mais inquietantes para o ser humano: **“Morrendo o homem, porventura, tornará a viver?”** (14:14). Aparentemente, não obteve resposta. Porém, hoje temos a resposta inequívoca de Jesus: **“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim ainda que esteja morto viverá”** (João 11:25).
17. Jó expressa um desejo: **“Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! E que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!”** (19:23-24) Se o seu desejo não tivesse sido cumprido, não teríamos hoje este livro maravilhoso. Onde é que gravamos as coisas que nos acontecem ao longo da vida? Na **rocha** ou na **areia**? As **coisas boas**, devemos gravá-las na **rocha**, para que permaneçam para sempre. As **coisas más**, tais como os ressentimentos, as mágoas, os ódios, devemos gravá-las na **areia**, para que a brisa e as ondas do mar as apaguem definitivamente.
18. Do meio dos pensamentos de Jó, por vezes confusos, saem verdadeiros raios de claridade, que expressam o vigor da sua fé. Exemplo disso é este verso: **“Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra”** (19:25). Podemos afirmar, sem receio, que este é o clímax do livro.

Uma certeza profética, que aponta para **Jesus Cristo** ressuscitado, **o redentor, o fiador e a testemunha** (16:19).

19. Eliú, o 4º amigo de Jó, é uma figura misteriosa, pois não se sabe quando chegou e, no final do livro, também não existe qualquer referência ao seu nome. A sua intervenção é marcada por:

- Uma profunda reverência para com Deus
- Uma concepção de pecado mais séria do que a dos outros três.
- Um referência a Deus como Mestre, que ensina o homem através da disciplina e do sofrimento
- Uma tentativa acentuada de denunciar o orgulho espiritual de Jó.

Eliú começa por rejeitar os discursos anteriores e parece afirmar que ele é que vai convencer Jó com os seus argumentos (capítulos 32, 33 e 34).

Eliú também se justifica dizendo que não falou mais cedo, por uma questão de respeito pelos mais velhos. Este quarto amigo é um jovem impetuoso e zangado, pois a sua ira é mencionada quatro vezes (32: 2, 3, 5).

20. Quebra-se o silêncio de Deus, os amigos de Jó calam-se, Deus fala e trata Jó por **homem**, (38:3) o que é significativo para quem se sentia um farrapo humano, despido da sua dignidade. Na verdade, Deus não se refere à doença de Jó, nem às suas perdas, nem entra em explicações filosóficas ou teológicas acerca das questões que eles tinham discutido. O Senhor apenas confronta o seu servo com dezenas de perguntas, acerca dos mistérios da natureza ou da criação. Deus é onipotente e está no controlo de todas as coisas. Por vezes, Ele está em silêncio, mas nem por isso menos atento ao que se passa no mundo e, na Sua infinita soberania, não abre mão da sua posição de Senhor. (Apoc. 19:16). Aquele que sustenta e mantém o universo, também sustenta e mantém os seus filhos.

21. Depois de Jó ter uma compreensão global da Criação, do poder e da inteligência divina, ele tem agora uma compreensão de si mesmo. A revelação divina lança um raio de luz e uma lufada de ar fresco sobre a mente e o coração de Jó ao ponto de afirmar: **Eis que sou vil**. (40:4) Diante da santidade de Deus, o homem só pode reconhecer a sua dimensão humana e a sua condição de pecador.

22. O conhecimento que temos de Deus, dos outros, e de nós próprios é limitado, por isso, às vezes falamos do que não entendemos, baseados na nossa ignorância ou em ideias pré-concebidas, como de resto Jó reconheceu: **“...falei do que não entendia; coisas que para mim eram maravilhosíssimas, e que eu não compreendia “** (Jó 42:3)

23. O progresso ou o crescimento de Jó é tão notório que ele declara: **“Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêm os meus olhos.”** (42:5) Anteriormente, Jó apenas ouvia, mas agora a sua compreensão de Deus é tão clara, que é como se ele visse a Deus, não com os olhos físicos, mas com os olhos da alma.
24. Por quatro vezes, o Senhor referiu-se a Jó como **o meu servo Jó** (42:7-8). Que elogio, que honra e que lição para nós hoje, que vivemos numa época em que alguns líderes se auto proclamam “apóstolos” e “arcanjos”. Contudo, se desejamos que o Senhor também nos trate por **“meu servo fulano...”**, primeiro temos de o tratar por **meu Senhor e meu Deus.** (João 20:28)
25. **“O Senhor virou o cativo de Jó, quando orava pelos seus amigos...”** (Jó 42:10). Por vezes queixamo-nos do mundo, da vida, do governo, das pessoas, e não percebemos que o problema está em nós. O problema é o nosso cativo, a nossa inveja, o nosso carácter, o nosso preconceito, enfim. A oração pode não mudar os problemas, nem as circunstâncias, mas o importante é que mude a pessoa que ora. E, quando a pessoa que ora muda, o resto também muda, porque ela passa a ver a realidade com os olhos de Deus.
26. Ainda que nos custe aceitar, foi Deus quem permitiu que todo este mal acontecesse a Jó. **“... e o consolaram de todo este mal que o Senhor lhe havia enviado...”** (Jó 42:11).
27. Deus é fiel e Jesus veio para que tenhamos **vida e vida com abundância** (João 10:10). Esta abundância, não é necessariamente material, mas também pode ser. No caso de Jó, além de lhe ser restituída a família, a saúde, a alegria, a amizade, Jó ainda recebeu o dobro dos animais que tinha anteriormente:

ANTES...Jó 1:3	E DEPOIS...Jó 42:12
7000 ovelhas	14 000 ovelhas
3000 camelos	6 000 camelos
500 juntas de bois	1 000 juntas de bois
500 jumentas	1 000 jumentas

28. É difícil explicar o problema do sofrimento. Não há respostas fáceis para as doenças, para os acidentes e para as tragédias que atingem as pessoas. Também não é fácil explicar porque é que estas coisas acontecem a uns e não a outros.

29. Não devemos julgar. Jesus disse: “**Não julgueis para que não sejais julgados...**”(Mat. 7:1-2).
30. De acordo com a teologia tradicional daquela altura, a doença e o sofrimento são sempre consequência dos nossos pecados. Hoje, ainda há crentes que defendem esta doutrina. Todavia, ficou provado que isso não é verdade. Há, sem dúvida, situações em que sofremos em consequência dos nossos actos, mas nem sempre é assim. Eliú não foi condenado, talvez porque ele não partilhava desse ponto de vista, ou pelo menos não o expressou.
31. Como já tinha duvidado da palavra de Deus, perante Adão e Eva (Gén. 3:4), o diabo ousou duvidar também da sinceridade e da fé de Jó, ao dizer: “**Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de ti na tua face.**”(Jó 1:11) Afinal, o diabo estava errado, pois Jó não blasfemou de Deus. (Jó:1:22)
32. O diabo não é onnipotente. Pelo contrário, o seu poder é limitado, pois ele não foi nem 1 milímetro, além dos limites que Deus lhe impôs (Jó 1: 12 e 2:4-7).
33. O sofrimento é uma espécie de prova de fogo que nos purifica, como acontece com os metais (Jó 23:10; Tiago 1:12). O salmista também afirmou: “**Antes de ser afligido andava errado, mas agora guardo a tua palavra**” (Salmo 119:67)
34. Deus não nos tenta (ou prova) além daquilo que podemos suportar (I Cor.10:13). De facto, a prova de fogo não tem a intenção de destruir o metal, mas de eliminar a escória. De igual modo, o propósito de Deus ao permitir a tribulação, não é a destruição do pecador, mas sim do pecado, de modo a fazer dele um santo. (Zac. 13:9)
35. Todo o sofrimento de Jó resultou em crescimento espiritual e bênção material. O mais irónico é que o diabo foi o instrumento usado por Deus para que isso acontecesse.
36. O livro de Jó é mencionado apenas duas vezes no Novo Testamento: Uma vez por Paulo e outra vez por Tiago (I Cor. 3:19 e Tiago 5:11).